Enciclopédia, Hipertexto e Condição Humana

por

Olga Pombo
opombo@fc.ul.pt

O ponto de partida é o de que o hipertexto é o limite ideal da enciclopédia, a metáfora reificada da unidade da ciência. Metáfora tornada coisa, digamos que a rede constitui hoje a materialização mais eloquente da unidade do saber. Do seu inacabamento é certo. Mas também da sua inexorável abertura à promessa de um saber em permanente crescimento. Enquanto memória virtual que espera ser percorrida, atravessada, navegada pelos seus leitores, por ela passam os destinos, não apenas da ciência (cujos mecanismos cognitivos e institucionais ela desafia), mas também da enciclopédia (cujo regime combinatório e heurístico prolonga), da biblioteca que, sob os nossos olhos, vertiginosamente se transforma numa instituição electrónica universal, do museu que tende a tornar-se virtual e universalmente acessível, enfim, da escola, particularmente da Universidade que ela está a transformar profundamente e, portanto, também das formas de cidadania.

Após o abandono do projecto enciclopedista do positivismo lógico, começa a configurar-se a tendência para dotar a enciclopédia de um modelo estrutural mais capaz de conglomerar a dispersão informativa a que o projecto enciclopédico está cada vez mais sujeito. Rejeitando tanto a estrutura alfabética como a organização disciplinar, as enciclopédias mais inovadoras vão adoptar uma estrutura temática e reclamar alcance interdisciplinar e heurístico. O seu objectivo é abrir-se às novas determinações conceptuais, aos novos objectos de estudo, dar conta dos caminhos que a investigação contemporânea está a seguir. Ao contrário do que seria de supor, não assistimos um abandono da ideia de totalidade. O que há é a ideia de que a totalidade do saber não é de natureza aditiva, mas resulta da complexidade das articulações. Por isso a enciclopédia se adensa no seu interior, feita de relações potenciais, simplesmente anunciadas, imaginadas, estabelecidas como reais ou possíveis, mas nunca esgotadas numa textualidade que as envolvesse numa discursividade contínua.

Por isso também o hipertexto - limite ideal da enciclopédia - mais do que uma ordem estável, mais do que uma forma compacta, pensa o seu valor a partir da pluralidade de linguagens que nele se cruzam, da força das relações potenciais que nele se geram, das virtualidades heurísticas que dele se libertam.

Digamos que o hipertexto desafia a nossa ideia de texto. Não se trata apenas de reconhecer as novidades técnicas que o seu suporte electrónico simultaneamente disponibiliza e reclama. Não se trata apenas de redefinir o texto face à sua realização digital, como tecido de nós e ligações de existência efémera, virtual e mutante no ciberespaço. O que acontece é que o hipertexto se dá a ver como lugar de revelação de categorias e determinações textuais muito antigas - a questão da autoria, da indissociabilidade das práticas de escrita e de leitura, da multiplicidade das leituras, da navegação num espaço múltiplo, da deriva, da não linearidade, da conectividade, da intertextualidade, da indeterminação dos limites, da infinita abertura.

Assim se compreende que o hipertexto possa ser reconhecido - enquanto pressentimento - em muitas das experiências maiores da nossa tradição literária (Valéry, Calvino, Perec, Borges) e mesmo plástica (de Malevitch a algumas das recentes experiências de *hapenning*, instalação ou *work in progress*), experiências mais combinatórias que miméticas, mais intensivas e fragmentárias que arquitecturais.

Assim se compreende que ele possa ser reclamado - enquanto profecia - por uma certa estética da descentração e da deriva (Warburg, Barthes, Derrida, Deleuze).

Assim se compreende também que o **hipertexto** - como a obra de **Rodrigo Vilhena** sobre o titulo **Condição Humana** - possa surgir como lugar de experimentação de novas possibilidades, suporte para novos riscos e novas aventuras.